

Revista **FONTES DOCUMENTAIS**

ANTILÍNGUA: AS LÍNGUAS CIGANAS E O SEGREDO COMO POLÍTICA LINGUÍSTICA

ANTILANGUAGE: ROMANI LANGUAGES AND SECRECY AS A LANGUAGE POLICY

DOI 10.9771/rfd.v7i0.65204

Leila Martins dos Santos Lima

Mestranda em Linguística Aplicada e graduada em Letras - Português e Inglês pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: leilamartins194@gmail.com

RESUMO

Este trabalho explora as línguas ciganas no Brasil como formas de resistência cultural e política linguística, com base no conceito de antilíngua, conforme proposto por Mester (1992) e Halliday (1976). A pesquisa qualitativa utiliza revisão bibliográfica e depoimentos coletados por Nascimento e Severo (2023) para analisar como essas línguas, transmitidas predominantemente pela oralidade, reforçam a identidade cultural das comunidades ciganas. O estudo destaca o segredo linguístico como estratégia de preservação e coesão interna, enfrentando a hegemonia do português como língua oficial e as políticas linguísticas excludentes do Brasil. As línguas ciganas, além de resistirem à assimilação cultural, funcionam como símbolos de identidade e pertencimento, criando uma contracultura frente à marginalização social e histórica. A pesquisa conclui que é essencial implementar políticas linguísticas inclusivas que valorizem a diversidade cultural e promovam os direitos humanos, reconhecendo as línguas ciganas como patrimônio cultural e ferramenta de resistência.

Palavras-chave: antilíngua; línguas ciganas; política linguística; identidade cultural.

ABSTRACT

This paper explores Romani languages in Brazil as forms of cultural resistance and linguistic policy, based on the concept of antilanguage as proposed by Mester (1992) and Halliday (1976). The qualitative research uses a literature review and testimonies collected by Nascimento and Severo (2023) to analyze how these predominantly oral languages reinforce the cultural identity of Romani communities. The study highlights linguistic secrecy as a strategy for preservation and internal cohesion, confronting the hegemony of Portuguese as the official language and Brazil's exclusionary linguistic policies. Romani languages, in addition to resisting cultural assimilation, function as symbols of identity and belonging, creating a counterculture in the face of social and historical marginalization. The research concludes that it is essential to implement inclusive linguistic policies that value cultural diversity and promote human rights, recognizing Romani languages as cultural heritage and tools of resistance.

Keywords: antilanguage; Romani languages; linguistic policy; cultural identity.

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre linguagem e suas nuances têm ocupado um espaço significativo na reflexão acadêmica ao longo dos anos. O conceito de antilíngua, proposto por Mester em 1992, oferece uma perspectiva intrigante ao explorar a ausência de expressão escrita do tupi-guarani na carta de Pero Vaz de Caminha. A língua tupi-guarani, embora não se manifeste formalmente na carta em questão, emerge de maneira sub-reptícia através de descrições, assumindo a forma de uma "antilíngua," um ruído aparentemente sem sentido na visão de Caminha. Este fenômeno sinaliza uma falha na comunicação verbal, evidenciando as complexidades da linguagem e suas interpretações.

A abordagem de Mester (1992) encontra ressonância na análise contemporânea de Do Couto (2010), que explora a criação de linguagens específicas por grupos dentro de comunidades mais amplas. Essa análise nos faz refletir sobre a prática de desenvolvimento de uma linguagem própria, que com o objetivo de manter segredo perante aqueles que não pertencem ao grupo, transcende fronteiras culturais e linguísticas. Ainda o autor destaca que essa tendência é comum em sociedades complexas, caracterizadas por uma diversidade de segmentos sociais e grupos variados.

Quando pensamos nessas duas perspectivas, identifica-se um fio condutor que conecta a ausência do tupi-guarani na carta de Caminha à criação de linguagens exclusivas em comunidades mais amplas, conforme descrito por Do Couto (2010). Ambas as abordagens revelam a capacidade dinâmica e adaptativa da linguagem em contextos específicos. A antilíngua de Mester e a linguagem secreta de Do Couto evidenciam que a comunicação verbal não é apenas uma ferramenta de expressão, mas também uma arena complexa na qual os grupos moldam ativamente suas formas de interação. Dito isso, ao conectar essas discussões aos direitos linguísticos, podemos nos inserir no contexto das comunidades ciganas no Brasil e explorar uma complexidade adicional na interseção entre linguagem, cultura e direitos humanos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e os desenvolvimentos subsequentes no âmbito internacional ressaltam a importância dos direitos linguísticos, reconhecendo a diversidade linguística como parte integrante dos direitos humanos. O texto destaca a evolução das discussões sobre o direito de indivíduos e comunidades de usarem suas próprias línguas, evidenciada por diversos instrumentos legais internacionais e constituições nacionais que regulamentam o uso das línguas.

No contexto brasileiro, a discussão sobre direitos linguísticos assume uma dimensão peculiar devido à condição multilíngue do país. A Constituição de 1988, ao elevar o português à condição de língua oficial, intensificou a assimetria em relação às outras línguas faladas na nação, algumas das quais ainda carecem de estatutos jurídicos. Isso cria uma situação de vulnerabilidade para essas línguas minoritárias perante a língua majoritária e o Estado.

Quando, nesta peça, pensamos sobre as comunidades ciganas do Brasil, é meritório destacar sua luta pela sobrevivência, marcada por uma história de misticismo e estigma. As línguas dessas comunidades se tornam elementos constituintes vitais de sua organização social, política e identitária. A necessidade constante de nomadismo, impulsionada por estereótipos e mitos em torno de seu estilo de vida, revela a importância das línguas ciganas na resistência e adaptação dessas comunidades.

2 SEGREDO E IDENTIDADE: O PAPEL DAS LÍNGUAS CIGANAS NA POLÍTICA LINGUÍSTICA BRASILEIRA

É visível que a distância entre o “eu” e o “outro”, percebida na carta de Caminha, se projeta ao nível da humanidade como um todo. Segundo Mester (1992) “Várias características atribuíveis a indivíduos por uma sociedade — tais como a falta de um idioma [intangível], falta de uma cultura, incesto, antropofagia, etc.— podem identificá-los como ‘não-gente’ e, conseqüentemente, negá-los status e direitos.” Esse ponto evoca a reflexão sobre as complexidades das relações interculturais e linguísticas. A carta de Caminha, ao revelar a concepção de “anti-língua” e a falta de comunicação verbal com o tupi-guarani, sugere uma barreira entre o explorador português e a cultura nativa. Essa barreira, no entanto, transcende a esfera individual e se expande para uma dimensão mais ampla da humanidade.

A distância percebida na carta de Caminha não é apenas linguística, mas também cultural e social. Essa distância, conforme discutido por Mester (1992) e já citada anteriormente neste texto, destaca a complexidade da comunicação e a formação de identidades linguísticas. Ao conectar essa distância ao contexto contemporâneo discutido por Do Couto (2010), no qual grupos criam linguagens próprias para manter segredos e preservar identidades, a narrativa se amplia para abordar não apenas a diversidade linguística, mas também as implicações mais profundas de como as diferenças são percebidas e interpretadas.

Ao expandir essa reflexão para os motivos relacionados aos direitos linguísticos e às comunidades ciganas, a distância entre o “eu” e o “outro” ganha ainda mais nuances. A luta das

comunidades ciganas pela preservação de suas línguas e identidades, em um contexto em que a língua portuguesa é oficialmente elevada a uma posição de destaque, mostra não apenas a existência de uma distância linguística, mas também as barreiras legais e sociais que influenciam as relações interculturais.

Desta maneira, Mester (1992) sugere uma reflexão profunda sobre como as barreiras percebidas inicialmente na carta de Caminha reverberam através do tempo, projetando-se em questões contemporâneas de direitos linguísticos e preservação cultural. A distância entre o "eu" e o "outro" transcende o contexto histórico específico e se torna uma reflexão mais abrangente sobre a diversidade humana e as complexidades inerentes às interações entre diferentes culturas e linguagens.

Para situar conceitualmente a ideia de antilíngua, é essencial nos debruçarmos sobre a caracterização de Michael A. K. Halliday (1976), que descreve as "anti-palavras" como elementos que se opõem a conceitos convencionais, exemplificados por termos como antibiótico, anticorpo, antinovidade e antimatéria, entre outros. Ele destaca a particularidade da "antissociedade" como foco central dessa dinâmica. O estudioso define uma antissociedade como uma entidade que emerge dentro de uma sociedade preexistente, constituindo-se como uma alternativa a ela. Essa criação pode se manifestar de várias formas, desde uma simbiose passiva até hostilidade ativa ou, em casos extremos, destruição.

Halliday (1976) estabelece uma relação intrínseca entre a antilíngua e a antissociedade, afirmando que a primeira não apenas coexiste com a última, mas é gerada por ela. Ele compara essa dinâmica à relação entre uma língua e uma sociedade convencional, ressaltando que a antilíngua frequentemente atua como veículo de uma contracultura.

Práticas linguísticas que transcendem o simples uso da linguagem, como o conceito de "antilíngua", emergem em contextos nos quais comunidades enfrentam opressão ou exclusão social. Historicamente, essas práticas têm sido identificadas em grupos que buscam manter sua coesão interna e proteger suas identidades diante da hegemonia de culturas dominantes. No caso dos ciganos, a preservação de sua língua e os mecanismos de segredo desempenham um papel crucial na resistência cultural e na criação de um espaço identitário próprio.

No âmbito linguístico estrito, a antilíngua se manifesta por meio da prática de "palavras novas por velhas", ou seja, trata-se de uma língua relexificada. Esse princípio implica na manutenção da mesma gramática da língua original, mas com vocabulário modificado, especialmente em áreas significativas para a antissociedade (Halliday, 1976).

Halliday (1976) observa que, ao investigar antilínguas, é possível identificar os processos envolvidos na substituição de itens lexicais da língua original para formar a antilíngua. Além disso, as características da antilíngua podem se estender a outros níveis da língua, incluindo fonologia, morfologia, semântica lexical e, potencialmente, até mesmo à sintaxe.

Ao analisarmos os materiais até aqui destacados, podemos perceber uma incompreensão cultural e linguística, como, por exemplo, a que ocorre entre os exploradores portugueses e as populações nativas. Essa incompreensão é evidente na falta de entendimento mútuo e na dificuldade de comunicação. A partir disso, podemos captar paralelos com a experiência linguística das comunidades ciganas no Brasil, que também enfrentam desafios semelhantes ao preservarem sua língua e identidade em contextos multiculturais.

Segundo o documento oficial “Guia Orientador para a Atenção Integral à Saúde do Povo Cigano” (2022), idealizado pelo Ministério da Saúde, no Brasil, os ciganos se diferenciam em três grandes grupos: Rom, Calon e Sinti. Cada grupo tem identidade, costumes e língua próprios, e, por vezes, sua cultura é transmitida por meio da oralidade. Isso significa que a cultura cigana é transmitida de geração em geração através de histórias, canções e tradições orais, com maior frequência do que em textos escritos. Além disso, o texto também destaca que no Brasil há 27.779 pessoas ciganas, das quais 13.162 famílias estão cadastradas em situação de vulnerabilidade social, de acordo com dados coletados em 1.430 municípios espalhados pelo país. Isso ressalta a necessidade de políticas públicas eficazes para melhorar a qualidade de vida dessas comunidades.

Apoiados no que diz o site Embaixada Cigana (2023), podemos afirmar que a etnicidade Calon é a que mais vive no Brasil. Esta comunidade sofre influências de sua passagem pela Turquia, Grécia, Espanha e Portugal. Suas maiores características são: o estilo de vida, a língua e as relações de parentesco. O estilo de vida cigano é marcado por uma forte conexão com a família e a comunidade, e uma profunda apreciação pela liberdade e mobilidade. A língua cigana, embora influenciada pelas línguas dos países por onde passaram, mantém suas raízes e características únicas. As relações de parentesco, por sua vez, são fundamentais para a estrutura social cigana, com uma ênfase particular no respeito aos mais velhos e na manutenção dos laços familiares.

Para a comunidade cigana, a língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um veículo de resistência cultural e um indicador de identidade. Com vistas no que apresenta Nascimento e Severo (2023) em artigo que conta com levantamento bibliográfico e

pesquisa de campo realizada em 2020-2021, incluindo a realização de entrevistas, observação e anotações em diário, a informação oral do cigano José

Se você não fala a língua então você não é cigano, embora todos saibam, entendem que você nasceu cigano, você é cigano e você vai morrer sendo cigano, ninguém vai tirar esse, essa coisa de você, mas, né digamos, moralmente é para alguns grupos, quando a pessoa não fala cigano, mas vem cá, quando uma pessoa pergunta pra ele: vem cá, como é que você conhece o outro, que a que a pessoa ali é cigana? Se ele falar a língua, ele é cigano e se não falar? Não é cigano. Mas se ele for cigano e não souber falar? Então ele não está resolvido, então ele tem que se resolver (risadas). A língua é uma coisa muito forte para o reconhecimento do cigano (José, informação oral)¹

Por meio do depoimento de José é possível reforçar a atribuição da língua no aspecto e perfil das identidades ciganas. Segundo Makoni e Pennycook (2015) a língua desempenha um papel importante na construção simbólica do passado, ajudando a ratificar a ideia de tradição. Assim, a língua se revela como um elemento fundamental na preservação e transmissão da cultura cigana. Ela não é apenas um conjunto de palavras e regras gramaticais, mas um meio pelo qual os ciganos expressam sua identidade, história e valores. Além disso, ela serve como um elo entre o passado e o presente, permitindo que as tradições e histórias sejam passadas de geração em geração.

Por conseguinte, a língua também desempenha um papel crucial na formação da comunidade cigana, fortalecendo os laços sociais e a coesão do grupo. Portanto, a língua é mais do que apenas uma ferramenta de comunicação para os ciganos; ela representa uma parte integral de sua identidade e cultura. Por meio dela, eles são capazes de afirmar sua identidade cigana, resistir à assimilação cultural e preservar suas tradições únicas.

No artigo “A questão do segredo nas antilínguas”, Do Couto (2010) afirma que a população cigana preserva sua linguagem distinta para se integrar na sociedade brasileira e se comunicarem entre si sem serem compreendidos pelos não-ciganos. Em sua percepção, embora uma grande parte da cultura original ainda persista, ela está começando a se tornar obsoleta devido ao conflito com a cultura dominante. Em geral, eles desejam manter esses aspectos culturais em segredo, pois acreditam que divulgá-los enfraqueceria sua coesão como grupo e como comunidade com uma identidade própria. Esse segredo linguístico, portanto, surge como um mecanismo de proteção cultural. No entanto, essa prática linguística possui traços de

¹ Depoimento de José, registrado em diário de campo da pesquisadora Josefa Felix do Nascimento, na cidade de Itabaianinha, estado de Sergipe, entre 2020 e 2021. Todos os registros das informações verbais presentes neste artigo foram realizados pela pesquisadora mencionada, na mesma localização e período. Os nomes dos entrevistados foram alterados por questão de sigilo.

antilíngua, ou seja, funciona como um símbolo de identidade e tem o objetivo de manter o segredo.

Dito isso, seria a questão do segredo na antilíngua cigana, um dispositivo de política linguística? A situação em que os ciganos precisam manter suas línguas em segredo joga luz às contribuições de Abreu (2016), quando afirma que

a tradição inventada do monolinguismo nacional, em torno da língua portuguesa, por sua vez, é causa direta de um conjunto de equívocos de todas as ordens, que perpassam desde a elaboração desastrosa de algumas políticas linguísticas contemporâneas até mesmo a complacência do Estado brasileiro em relação aos crimes de natureza étnica e de origem regional que são cometidos diariamente no país, através da discriminação linguística (Abreu, 2016, p. 126).

A questão do segredo na antilíngua cigana pode ser vista como um dispositivo de política linguística, na medida em que a preservação da língua cigana e a manutenção de seu segredo podem ser interpretadas como uma forma de resistência à imposição do monolinguismo nacional. Esta resistência, por sua vez, pode ser vista como uma crítica implícita às políticas linguísticas que favorecem a língua dominante em detrimento das línguas minoritárias.

A situação dos ciganos no Brasil, conforme destacado por Abreu (2016), ilustra os equívocos e as falhas das políticas linguísticas contemporâneas. A “tradição inventada do monolinguismo nacional” tem levado à marginalização e à discriminação das comunidades linguísticas minoritárias, incluindo os ciganos. Esta situação sublinha a necessidade de políticas linguísticas mais inclusivas e equitativas, que reconheçam e valorizem a diversidade linguística e cultural do Brasil. Além disso, destaca a importância de abordar a discriminação linguística e os crimes de natureza étnica e de origem regional que são cometidos diariamente no país. A questão do segredo na antilíngua cigana transcende a identidade cultural e se relaciona diretamente com justiça social e direitos humanos. Representa, ainda, uma forma de resistência à imposição do monolinguismo nacional.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em conclusão, a análise da antilíngua e da linguagem secreta, como ilustrado pela comunidade cigana no Brasil, revela a complexidade e a riqueza da comunicação verbal. A língua não é apenas um meio de expressão, mas também uma arena na qual os grupos sociais moldam ativamente suas formas de interação e resistência. Nesse sentido, a preservação da

língua cigana e a manutenção de seu segredo são, simultaneamente, uma questão de identidade cultural e uma forma de resistência à imposição do monolinguismo nacional.

No contexto brasileiro, a discussão sobre direitos linguísticos assume uma dimensão peculiar devido à condição multilíngue do país. A oficialização do português pela Constituição de 1988 intensificou a assimetria em relação às outras línguas faladas na nação, criando uma situação de vulnerabilidade para essas línguas minoritárias frente à língua majoritária e o Estado. Isso destaca a necessidade de políticas linguísticas mais inclusivas e equitativas, que reconheçam e valorizem a diversidade linguística e cultural do Brasil.

A luta das comunidades ciganas pela preservação de suas línguas e identidades, em um contexto em que a língua portuguesa ocupa uma posição de destaque oficial, ilustra a complexidade da comunicação e a formação de identidades linguísticas. Isso nos leva a refletir sobre a importância da língua como um veículo de resistência cultural e um indicador de identidade, e sobre o papel crucial que a língua desempenha na formação da identidade e da individualidade em comunidades marginalizadas.

Portanto, a questão do segredo na antilíngua cigana não é apenas uma questão de identidade e resistência cultural, mas também de justiça social e direitos humanos, pois protagoniza uma forma de resistência à imposição do monolinguismo nacional. Esta luta, por sua vez, pode ser vista como uma crítica implícita às políticas linguísticas que favorecem a língua dominante em detrimento das línguas minoritárias.

Finalmente, a análise da antilíngua e da linguagem secreta nos permite entender mais profundamente a complexidade e a importância da língua na formação da identidade cultural, tanto no contexto das antilínguas quanto na experiência específica das comunidades ciganas no Brasil. A língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um veículo de resistência cultural e um indicador de identidade e individualidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ricardo Nascimento. Um caminho para novas políticas linguísticas das variedades do português brasileiro. *In*: LOPES, N. da S.; ARAÚJO, S. S. de F. (Orgs.). **Políticas linguísticas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2016. p. 123-135.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Orientador para a Atenção Integral à Saúde do Povo Cigano**. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2022.

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki. A questão do segredo nas antilínguas: Uma visão ecolinguística. **Confluência**, v. 10, p. 92-110, 2010.

HALLIDAY, Michael A. K. Anti-languages. **American Anthropologist**, v. 78, n. 3, p. 570-584, 1976.

LETRAS DE HOJE. Letras de hoje, v. 58, n. 1, p. e43500–e43500, abril de 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2023.1.43500>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair. Desinventando e (re)constituindo línguas. **Working Papers em Linguística**, v. 16, n. 2, p. 9-34, 2015.

MESTER, Arnaldo. Da língua tupi-guarani: Apropriação em Caminha e Anchieta. **Mester**, v. 21, n. 2, 1992.

NASCIMENTO, Josefa Felix do; SEVERO, Cristine Gorski. Políticas linguísticas de uma comunidade cigana Calón em Sergipe: Protagonismo e desconstrução de estereótipos. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 58, n. 1, p. e43500, 2023. DOI: 10.15448/1984-7726.2023.1.43500. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/43500>. Acesso em: 27 jan. 2024.

PORTAL EMBAIXADA CIGANA. **Etnicidades ciganas no Brasil**. Disponível em: https://www.embaixadacigana.org.br/eticidades_ciganas_no_brasil.html. Acesso em: 12 dez. 2023.

SEVERO, Cristine Gorski. Oralidade, prática social e política linguística. **Letra Magna**, v. 15, p. 465-484, 2019.

| |
|--|
| <p>Recebido/ Received: 10/07/2024 Aceito/ Accepted: 17/11/2024 Publicado/ Published: 27/12/2024</p> |
|--|